
**Programa de Pós-Graduação em Educação
Universidade do Estado do Pará
Belém-Pará-Brasil**



Edição Especial N.5. Jan./Abr./ 2019 p. 75-98

ISSN: 2237-0315

Dossiê: Linguagens e produções de sentidos como saberes culturais e práticas educativas

Brincar de fazer cinema com crianças: pensar em si e no mundo, fazer cinema brincando e o exercício do pensamento

Playing of making movies with children: thinking in yourself and in the world, make movies while playing and the exercise of thought

Constantina Xavier Filha

Universidade Federal do Mato Grosso do Sul – UFMS
Campo Grande-Mato Grosso do Sul-Brasil

Resumo:

O texto descreve e analisa experiências em projetos de pesquisa e de extensão na produção de filmes de animação realizadas com crianças de 7 a 12 anos, entre 2010 e 2017, na cidade de Campo Grande, Mato Grosso do Sul. A experiência de produção de oito filmes de animação com elas foi realizada em momentos de reflexão e brincadeira, nos quais também foram produzidos coletivamente livros infantis. As experiências foram registradas em relatórios, em vídeos (*making of*), bem como socializadas nas mídias sociais (*blogs*, canal do *YouTube* e *Facebook*). O artigo analisa os resultados das atividades a partir de pressupostos foucaultianos do cuidado de si e do outro. Brincar de pensar, de fazer cinema brincando e de pensar em si, nos/as outros/as e no mundo foram as tônicas do processo de pré-produção, produção e pós-produção dos filmes.

Palavras-chave: Crianças. Filmes de animação. Ética. Estética da existência.

Resumen:

El texto describe y analiza experiencias en proyectos de investigación y de extensión en la producción de películas de animación realizadas con niños de 7 a 12 años, entre 2010 y 2017, en la ciudad de Campo Grande, Mato Grosso do Sul. La experiencia de producción de ocho películas de animación con ellas fue realizada en momentos de reflexión y juego, en los cuales también se produjeron colectivamente libros infantiles. Las experiencias se registraron en informes, en videos (*making of*), así como socializadas en los medios sociales (*blogs*, canal de *YouTube* y *facebook*). El artículo analiza los resultados de las actividades a partir de presupuestos foucaultianos del cuidado de sí y del otro. Jugar de pensar, de hacer cine jugando y de pensar en sí, en los demás y en el mundo fueron las tónicas del proceso de pre-producción, producción y post-producción de las películas.

Palabras-clave: Niños/Niñas. Películas de animación. Ética. Estética de la existencia.

1 “Mais legal mesmo foram as nossas risadas, nossas brincadeiras”ⁱ: caminhos e trajetórias da produção de filmes com crianças

O artigo se inicia com a frase de uma criança que participou de um dos projetos que desenvolvemos entre os anos de 2010 e 2017. Na fala, percebemos que ela descreve a sua participação ressaltando momentos lúdicos, alegres e repletos de brincadeiras. Os projetos de pesquisa e de extensãoⁱⁱ, desenvolvidos no então Departamento de Educação, agora Faculdade de Educação, *campus* de Campo Grande na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, foram realizados em escolas públicas municipais. Neles desenvolvi, com a equipe composta de acadêmicas e acadêmicos do curso de Pedagogia da universidade, oficinas e encontros na escola para a produção de filmes de animação e de livros infantis com e para as crianças. As atividades realizadas primaram pela construção coletiva de pensamentos e ideias para a escrita do roteiro, para a produção e pós-produção dos filmes, com momentos de brincadeira, marcados por ludicidade, coletividade e criatividade. O presente textoⁱⁱⁱ tem por objetivo, num primeiro momento, descrever a trajetória vivida e, posteriormente, apresentar e problematizar os pressupostos teórico-metodológicos que fundamentaram as ações desenvolvidas com as crianças.

Ao descrever o processo vivido, algo que farei adiante, retomo inicialmente o conceito de *experiência*. Este me vem acompanhando há alguns anos para pensar e repensar as vivências nos projetos. Segundo Larrosa (2014), “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, o que acontece, ou o que toca” (LARROSA, 2014, p. 18). Repensar as experiências vividas da trajetória dos projetos com as crianças exige disponibilidade de escuta, repensar experiências singulares que nos transformaram e que jamais serão repetidas. Nessa trajetória, vivemos um labirinto de emoções e experiências teórico-metodológicas que nos impeliram a um compromisso ético-político-teórico com a pesquisa e a extensão universitária. As experiências singulares e coletivas vividas remetem a sensações e sentimentos que jamais se repetirão e por isso merecem ser (re)contadas para os podermos registrar, socializar e problematizar.

A seguir, passo a descrever as experiências vividas desde o início de minha trajetória pessoal e de minha vivência profissional de ‘encontros com o cinema^{iv}’, até a

realização das produções coletivas e afetivas que desenvolvi nos projetos em conjunto com as crianças e as pessoas da equipe.

O desejo de pensar mais detidamente sobre cinema surgiu inicialmente de minha experiência como amante da sétima arte. Depois é que veio a paixão pelo cinema de animação. Tal interesse se iniciou ao participar, desde os anos 2000, em São Paulo, do festival *Anima Mundi*, um dos maiores do mundo em exibição de filmes do gênero. Participar do festival e assistir aos filmes de quase todas as sessões de forma voraz fez com que o interesse virasse paixão, na medida em que um mundo mágico se descortinava à minha frente nas telas do cinema. Foi também no festival que surgiu o interesse em produzir filmes de animação com crianças, especialmente em minhas participações em oficinas do Estúdio Aberto, que ensinam, na prática, algumas técnicas de animação para o grande público do festival. Foi no festival que conheci o projeto *Anima Escola*^v, que leva a linguagem de animação às escolas, com cursos e oficinas para alunas/os^{vi} e professoras/es para que possam produzir em sala de aula seus próprios filmes.

O desejo de aliar a paixão pelo cinema de animação com minha prática profissional foi sendo alimentado ano a ano com minha participação na condição de ouvinte no festival. No ano de 2008, coordenei o projeto de extensão “Educação para a Sexualidade, Equidade de Gênero e Diversidade Sexual: práticas e materiais educativos”, com apoio da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (Secad/MEC). Nesse projeto, além dos momentos sistematizados de formação continuada de docente com a discussão teórico-metodológica sobre os temas sexualidades, gênero e diversidade sexual, o objetivo era produzir materiais educativos. Estabelecemos parceria com o *Anima Escola* para o desenvolvimento de oficinas de produção de filmes de animação com dois grupos de professoras que eram cursistas do referido projeto. Esta foi a minha primeira experiência efetiva de produção coletiva de dois curtas-metragens de animação. Esses filmes compuseram o Kit de Materiais Educativos de Educação para a Sexualidade, para a Equidade de Gênero e para a Diversidade Sexual, sob minha coordenação (XAVIER FILHA, 2009).

A experiência de produção de filmes com as professoras, mediadas pelas/os profissionais do *Anima Escola*, foi importante para observar o processo pedagógico desse

tipo de produção cinematográfica e para reacender o desejo de viver esse processo com crianças.

Em 2008, então com um projeto de pesquisa apoiado pelo CNPq, denominado “Gênero e sexualidade em livros infantis: análises e produção de material educativo para/com crianças” (2008-2012), realizei coleta e análise de livros infantis e iniciei a trajetória de pesquisa com crianças. O projeto contava com dois eixos teórico-metodológicos interdependentes, a saber: a) *pesquisa bibliográfica* e b) *pesquisa com crianças*. O primeiro eixo teve por fonte livros para a infância, com temas relativos a sexualidades, gênero e diversidades/diferenças. Como produto, foi elaborado, ao final, um catálogo digital, com indicação de todas as obras coletadas, selecionadas e analisadas, com a intenção de socializar as fontes para posteriores pesquisas.

O segundo eixo foi realizado em escola pública municipal na cidade de Campo Grande, com a qual pretendia coletar falas e concepções de crianças sobre livros com o objetivo de produzir coletivamente um livro para a infância e um filme de animação. Concomitantemente, três projetos de extensão^{vii} foram desenvolvidos.

Em 2010, iniciei a pesquisa e projeto de extensão com as crianças de duas turmas do 5º ano do Ensino Fundamental em uma escola pública municipal da periferia da cidade de Campo Grande.

A metodologia previa encontros semanais com cada uma das turmas. No final do projeto, realizamos um seminário de síntese na universidade, no intuito de socializar as atividades desenvolvidas e exibir o filme produzido coletivamente com as duas turmas. Nesse ano, em cada encontro, discutíamos um tema, mediado por livros para a infância sobre questões selecionadas no primeiro eixo da pesquisa. As crianças tinham espaço para dialogar e discutir sobre cada um deles. Ao final de cada encontro, produziam-se textos e/ou desenhos para registrar as concepções sobre o assunto debatido. Outras dinâmicas foram utilizadas, como trabalhos em grupo, teatro, brincadeiras, jogos e exibição de filmes, com o propósito de tornar as discussões mais lúdicas e significativas para o grupo. Os livros para a infância foram importantes instrumentos pedagógicos por propiciarem o debate e a discussão sobre as representações de gênero e sexualidade das crianças. Em vários momentos, porém, elas expuseram sua dificuldade com a leitura e o entendimento do texto. Algumas folheavam os livros e diziam que havia muita ‘letra para

ser lida'. Para muitas delas, a leitura mostrou ser algo dificultoso, e até penoso. Muitas diziam que somente queriam ver e ler as ilustrações, considerando a leitura da escrita e a interpretação do texto, conseqüentemente, algo secundário. O contrário ocorria quando se exibia um filme, em especial curtas-metragens de animação. As crianças mostravam-se receptivas às imagens em movimento. Após a exibição, todas pareciam entender a mensagem da história; conseguiam, nos momentos de discussão, argumentar sobre aspectos contidos na narrativa fílmica. Crianças e adolescentes que participaram da pesquisa mostraram ser sujeitos ativos, vorazes da linguagem cinematográfica. Passamos então a exibir filmes produzidos e dirigidos por pessoas adultas, assim como alguns produzidos por crianças e adolescentes. O interesse das crianças e adolescentes pela linguagem audiovisual, juntamente com o meu desejo de produzir com elas/eles, construído há anos, fez com que produzíssemos um curta-metragem de animação.

As discussões sobre questões de gênero e a leitura do livro de minha autoria – *A menina e o menino que brincavam de ser...* (2009) possibilitaram a produção coletiva do argumento, do roteiro e da produção do filme de animação: “*Jéssica e Júnior no mundo das cores*”^{viii} (3 min). O filme conta a história de uma menina que se transforma em cor-de-rosa de tanto viver imersa num mundo rosa. O mesmo ocorre com o menino, que se torna azul. Ambos passam a questionar essa transformação e encontram, conjuntamente, a saída para voltar às cores de origem. Todo o processo de pré-produção e produção do filme foi realizado com as crianças, com minha mediação no âmbito da pesquisa e do projeto de extensão.

Concomitantemente ao processo de produção deste filme, construímos, nos encontros dos projetos, a ideia de uma personagem que morasse em nossa região, a do Centro-Oeste. A imagem da princesa estava muito presente nos desenhos e discussões das crianças; por esse motivo, lançamos a ideia de criar uma princesa que morasse no Pantanal, razão por que passou a ser chamada de “A Princesa Pantaneira”.

No ano seguinte, 2011, retornamos à escola com novas turmas de quintos anos para dar prosseguimento às atividades do projeto de pesquisa e extensão^{ix}. Foram retomadas as questões referentes à produção da personagem Princesa Pantaneira. Revimos questões referentes ao contexto em que vivia, suas características (físicas e emocionais), suas histórias e projetos de vida^x. Tentamos argumentar sobre a

possibilidade de a princesa ser diferente das outras, construídas, em sua maioria, com características hegemônicas. Muitas crianças, em especial as meninas, relutavam em pensar em outros jeitos de ser princesa, ainda mais cogitando em uma delas morando e vivendo em realidades tão próximas. Em seguida, passamos a pesquisar coletivamente o contexto em que ela viveria – o Pantanal. Apesar de viver perto deste ecossistema e o tema ser curricular, muitas crianças o representavam diferente da realidade. As representações das crianças estavam povoadas pelo que elas tinham lido e assistido de outras realidades, muitas vezes sem conexão com suas vivências culturais e sua realidade mais próxima. Nas discussões com o grupo, não pretendíamos ‘pedagogizar’ a criatividade e a imaginação, mas questionar as representações de masculinidade e feminilidade e também seus conhecimentos sobre o Pantanal, tão próximo e tão distante de suas informações e vivências.

Em sequência, seguimos os passos da produção do filme de animação: construção do argumento; escrita do roteiro; elaboração das falas; construção de personagens e contextos/cenários na fase de pré-produção. Na etapa de produção, foram realizadas filmagens com a técnica de recorte em *stop motion* (fotografia quadro a quadro) e desenho 2D. As crianças participaram efetivamente das filmagens: movimentando as personagens e dando vida a elas; na gravação das suas vozes; na produção de sons para os efeitos sonoros; na música tema do filme e no planejamento final do filme na pós-produção.

O filme, denominado “*A Princesa Pantaneira*” (9 min), conta a história de uma princesa chamada Camuela, alegre, valente, corajosa e gosta de aventura. No final, ela é quem salva o príncipe em perigo. As representações de feminilidade e masculinidade são tensionadas no roteiro do filme. As características da Princesa Pantaneira contrapõem-se às que as crianças tinham demonstrado inicialmente, o que serviu para dar ideia do quanto esse processo ajudou a refletir sobre o que seja ser menino e menina na sociedade e sobre como se podem construir novas formas de ser.

Em continuidade às ações de extensão, desenvolvemos a pesquisa “Representações de violência dentro e fora da escola nas vozes de crianças” (2011-2013), com apoio do CNPq. Nessa investigação, seguimos os pressupostos metodológicos da pesquisa anterior, agora, porém, articulando as vozes e as representações das crianças

sobre violência, gênero e diferença, apreendidas em encontros semanais em formato de oficina pedagógica, a partir de vários instrumentos: desenhos, textos e produções individuais e coletivas; oralidade captada nos momentos de discussão coletiva; fotografias tiradas por membros da equipe da pesquisa e também pelas próprias crianças; filmagens; registro de fragmentos do encontro anotados em caderno de registro.

No segundo semestre de 2012, iniciamos a referida pesquisa empírica com a realização de encontros sistemáticos com crianças na mesma escola pública dos anos anteriores, porém com outras turmas. No início das atividades, seguimos os caminhos já trilhados no projeto anterior: apresentação da pesquisa à direção da escola e à professora regente da sala, reunião com familiares das crianças para apresentação dos objetivos da pesquisa e das ações a serem desenvolvidas e coleta de assinaturas de autorização da pessoa responsável pela criança, além da sua assinatura, concordando em participar das ações dos projetos. Nesse ano, aliamos as ações da pesquisa com o projeto de extensão “Produção de Filme de Animação com crianças-2012^{xi}” (Preae-Paext/UFMS).

Muitas das estratégias pedagógicas realizadas nesse ano mantiveram as características dos projetos anteriores de produção de filmes com crianças; outras foram mudadas, aproveitando do conhecimento e da experiência acumulados nesses anos. Às mudanças de incorporação de novas temáticas acrescentamos as da violência contra crianças e sobre os direitos humanos.

O filme realizado nesse ano, intitulado “*Queityléia em perigos reais*” (9 min), conta a história de uma menina que, em sonho, faz tudo o que sempre quis dentro de casa, colocando-se em situações de perigo e de vulnerabilidade.

O roteiro expressou os perigos a que uma menina está exposta dentro de casa, como a vulnerabilidade de se comunicar pela internet em sala de bate-papo com pessoa desconhecida, além de outras atitudes igualmente perigosas. O filme não pretendeu utilizar uma linguagem ‘pedagogicamente correta’ para traçar um rol de atitudes e comportamentos a serem seguidos pelas crianças, mas provocar um diálogo com a/o espectadora/or para instigá-la/o a pensar na possibilidade de a protagonista, ao fazer tudo o que quisesse, eventualmente poder-se ferir e/ou tornar-se vulnerável dentro de casa. A expectativa era que a discussão do filme se tornasse mais instigante em função

da história da menina do que por um discurso moralista sobre a temática e as vivências da personagem.

O último ano de projetos desenvolvidos nessa mesma escola municipal aconteceu em 2013. Naquele ano, continuamos o trabalho com novas turmas de crianças do 5º ano do Ensino Fundamental, contando com a participação de algumas outras crianças e adolescentes que já haviam participado de projetos anteriores.

Neste ano, dois filmes foram produzidos. O filme *“Direitos das crianças: uma aventura intergaláctica”* (9 min), feito com a técnica de 2D, conta a história de amizade de duas crianças terráqueas, Lila e Luiz, residentes em Campo Grande, próximo à escola do projeto, com crianças ETs, Etvaldo e Etnilda, habitantes do Planeta Timbum. Lila e Luiz convidam-nas a passear no planeta Terra. Chegando aqui, conhecem a realidade de outras crianças terráqueas: as que são tratadas com cuidado, alimentação e proteção, e as que são violadas, maltratadas, que sofrem todo tipo de violação de direitos. Crianças, terráqueas e ETs resolvem denunciar essa situação e exigir a garantia de seus direitos. O outro filme, também produzido em 2013, *“João e Maria: dos contos à realidade”* (9 min), realizado com a técnica de *stop motion*, é a versão contemporânea do conto de fadas do mesmo nome. João e Maria são irmãos e foram vendidos/os por seu pai e mãe a um ‘casal mau’, que morava em uma casa de doces. Lá deveriam realizar trabalhos forçados e a pedir dinheiro na rua. Descobriram que muitas outras crianças eram escravizadas pelo mesmo casal. Conseguem fugir e pedir ajuda à rede de proteção à criança por meio do disque 100 (Disque Direitos Humanos).

Do ano de 2014 até o momento atual, realizamos, juntamente com os projetos de extensão nas escolas, as seguintes pesquisas: *“Gênero, violência contra crianças e direitos humanos: brincar de pensar, de ser e de fazer cinema”* (2014 a 2017); *“Violência contra crianças e direitos humanos: brincar de pensar e fazer cinema”* (2017-atual), ambos cadastrados na Pró-Reitoria de Pesquisa da instituição de ensino superior que atuamos como docente, a UFMS.

No período de abril de 2014 a abril de 2015 realizei parte do estudo da primeira pesquisa no Estágio de Pós-Doutorado na Unicamp, sob a supervisão do professor dr. Sílvio Gallo. Esse período constituiu uma parada na trajetória para repensar o vivido e analisar as experiências a partir da perspectiva teórica foucaultiana. Durante o estágio,

participei de vários cursos na área de cinema para aprender o saber técnico e o aprofundamento sobre a linguagem cinematográfica. Nos outros momentos dediquei a discussões e reflexões, como a de pensar questões relativas as práticas de produção de filmes com crianças e de como essas práticas poderiam contribuir para pensar os processos de sua subjetivação a partir dos conceitos de ética e estética da existência de Foucault (1985, 1997, 2004, 2014).

Em 2016, retomei minhas atividades acadêmicas na universidade e desenvolvemos^{xii}o projeto de extensão “Produção de filmes de animação com crianças-2016”. O projeto ocorreu em outra escola pública municipal, diferente da instituição em que havíamos realizado os projetos anteriores. A turma escolhida esse ano foi o do 5º ano do Ensino Fundamental. O filme produzido foi “*Cantando os direitos das crianças*” (10 min). O roteiro foi construído a partir de dois *raps* esboçado por uma das alunas do grupo e depois trabalhado coletivamente pela turma. O filme mostra a atuação de duas duplas de MCs de *rap* em uma competição de um *show* musical. A temática focada foi a da violência contra crianças e a defesa dos direitos humanos.

Em 2017, outro projeto de extensão foi desenvolvido em escola diferente daquela utilizada no ano de 2016. O projeto desse ano, “*Brincar de fazer cinema com crianças-2017*”, manteve características análogas às do anterior, com encontros sistemáticos e oficinas pedagógicas e lúdicas com todo o grupo de crianças da sala do 3º ano do Ensino Fundamental, para construir coletivamente o argumento com que se pudesse elaborar o roteiro do filme. Assim é que, em grupo, foram construídos roteiro, *storyboard*, diálogos, personagens, cenários, filmagens, como, igualmente, o planejamento da edição final do filme.

O filme produzido com essa turma teve por título “*Eu protejo o meu corpo*” (8 min 40 seg). Expõe, de forma narrativa, os cuidados e formas de proteção que as crianças devem ter para se proteger e também buscar ajuda em situações de vulnerabilidade. Baseou-se no livro de minha autoria *Do meu corpo eu cuido e protejo* (XAVIER, 2014a), que tem por objetivo mediar a discussão sobre corpo e a possibilidade de a criança construir situações de autocuidado e autoproteção.

As experiências vividas de 2010 a 2017 foram ricas, participativas, coletivas, colaborativas, criativas, dialógicas e afetivas. Durante todo esse processo, produzimos

oito^{xiii} filmes de animação^{xiv} (vários deles selecionados em festivais nacionais e internacionais de cinema de animação) e cinco livros^{xv} para a infância. Por falar nisso, devo lembrar que não apenas produzimos os filmes. Ocupei-me também com a escrita dos livros, processo que seguiu metodologia análoga, com a participação efetiva das crianças nos textos e/ou ilustrações.

Revisitar esses momentos de produção com as crianças me leva a rememorar cenas, episódios... fragmentos, que propiciam a experiência de (re)pensar o vivido. Como dizia no início do texto, todas essas experiências jamais serão revividas. Pensá-las nos faz pensar sobre como nos tocaram e como tiveram efeitos em nossas subjetivações e em múltiplas formas de pensar o mundo. Fresquet (2012, p. 65) diz que “se o cinema tem alguma coisa de pedagógico, parece-me que passa muito mais por esse conhecimento de mundo e de si próprio, assim como pela experiência que está entre o que significa descobrir e inventar o mundo”. O cinema, conforme descreve a autora, é capaz de possibilitar a descoberta e o conhecimento de si, das outras pessoas e a invenção de outros mundos, de nos ver de diferentes pontos de vistas e, sobretudo, de nos fazer pensar o que somos, o que fizeram de nós e o que queremos ser. O ato de fazer cinema também propicia esse olhar das pessoas em relação a si, a outra pessoa e ao mundo. Foi essa experiência de pensamento sobre nós mesmas/os e sobre o mundo que vivemos nos projetos com as crianças ao longo desses anos.

2) “Foi muito especial, pensamos muito. É bom porque o filme é de todos!”^{xvi}: pressupostos teórico-metodológicos das experiências de produção de filmes com crianças

No decorrer do processo de vivência dos projetos de produção de filmes de animação, de 2010 a 2017, pude rememorar e rever-me como pesquisadora, amante do cinema, professora e militante dos direitos humanos. Conforme já descrito, meus encontros com o cinema iniciaram-se com a fruição de filmes do cinema convencional; depois vieram os filmes de animação, que me arrebataram. A partir dessas vivências, passei a pensar em produzir filmes com crianças. Desenvolvi essas ações em projetos de ação (nas experiências de extensão) e nas ações de pesquisas-intervenção. A opção pela escola pública, como *locus* das experiências dos projetos ocorreu para pensar, eu e

equipe, com crianças que nem sempre teriam a oportunidade de ver filmes com linguagens não hegemônicas, deles fruir e também viver a experiência de fazer cinema. As experiências com o cinema como dispositivo para desencadear o pensamento sobre nós mesmas/os, sobre a/o outra/o e sobre o mundo, entender os processos de ‘encontro’ com o cinema nas experiências de ver e fazer cinema com crianças foram as questões que me instigaram a estar e a trabalhar com elas durante todos esses anos.

As experiências realizadas nos projetos até 2013 foram sistematizadas em momentos teórico-metodológicos na realização da pesquisa de pós-doutorado, realizada no ano de 2014/2015. Ao analisar as várias experiências vividas nos projetos, observei semelhanças, dissonâncias, desafios e resistências ocorridas no processo. Sistematizei as etapas teórico-metodológicas dos projetos desenvolvidos de 2010 a 2013; depois, sobre esses pressupostos, elaborei projetos para os anos vindouros.

Denominei à primeira etapa de trabalho, a que desenvolvemos com as crianças, de “*brincar de pensar em si e no mundo*”. Consistia em conhecer o que elas pensavam sobre o tema escolhido. Várias metodologias de pesquisa foram realizadas como a roda de conversa, a elaboração de pequenos textos e desenhos, a produção de pequenas histórias individuais ou coletivas. Nesta etapa, era importante destacar suas falas e saberes. Após saber o que as crianças tinham de conhecimento, eu e equipe realizávamos momentos de *problematização* dos temas. Provocávamos o exercício do pensamento nos encontros com elas. Sabíamos que pensar não é algo inato na vida dos sujeitos, pois não nascemos pensando, mas aprendemos a pensar. Gallo (2012, p. 108) ressalta que o pensamento é “produzido, fabricado, inventado”. Nessa direção, provocávamos as discussões para colaborar no processo de aprender a pensar, inventando as próprias maneiras de nos relacionar com os signos do pensamento.

Outro momento vivenciado nos projetos foi a produção coletiva do filme de animação. Chamei a esta etapa de “*fazer cinema brincando*”. As crianças participaram de todo o processo de pré-produção, produção e do planejamento da pós-produção até a sugestão final para a edição dos filmes. Este processo de produção coletiva ocorreu em momentos de fruição e discussão de filmes já produzidos e de livros para a infância com as temáticas enfatizadas pelos projetos.

A última etapa, a de “*ver e pensar o filme*”, foi o momento de socializar com pessoas adultas e crianças o filme produzido coletivamente. As crianças falaram sobre o processo de produção do filme na universidade, em uma mesa-redonda, e também quando o exibimos na escola para outras/os alunas/os, educadoras/es e familiares. Outros questionamentos foram produzidos a partir daí. Tais encontros constituíram momentos de fruição, acolhimento e partilha. Também se prestaram a novas problematizações. Ver a obra pronta sugeriu prospectar novos sonhos, novas ideias, novas formas de produzir com e para as crianças.

As discussões teóricas realizadas na pesquisa de pós-doutorado colaboraram sobremaneira para a execução das etapas dos projetos nos anos seguintes, até 2017^{xvii}. Seguimos pesquisando e realizando estudos para pensar e fundamentar a nossa atuação com as crianças até os dias atuais. Durante todo o processo de realização dos projetos, desde a sua origem em 2010, tento aliar pesquisa a extensão universitária, buscando problematizar as ações com os pressupostos teórico-metodológicos que nortearam as ações desenvolvidas com as crianças, aspectos que me fazem pensar cotidianamente nas experiências realizadas e nas opções teóricas adotadas.

A seguir, descrevo alguns dos questionamentos provocados pelas experiências vividas, bem como alguns dos pressupostos teórico-metodológicos-políticos utilizados/vividos/experenciados nos projetos de produção de filmes de animação com crianças.

- *A criança como sujeito ativo, criativo, produtor de cultura e ávido de discutir assuntos de seu interesse e de produzir ideias e filmes* – A criança já foi pensada no passado como um ser ‘sem fala’ e, daí, ‘sem pensamento’. Nossos projetos propiciaram formas diferentes de pensar a criança e de ela própria exercitar e construir o pensamento e ações como sujeito ativo e em condições de pensar e argumentar sobre assuntos que lhes dissessem respeito. Isto só foi possível por haveremos reservado espaço para escutá-las, para instigá-las a pensar, refutando atitudes adultocêntricas. No decorrer dos projetos, acreditamos que as crianças, e demais expectadoras/es, não são sujeitos passivos diante do cinema. “No ato de ver e assimilar um filme, o público o transforma e interpreta, em função de suas vivências, inquietações, aspirações, etc.” (BERNARDET, 2012, p. 84). Rosália

Duarte também analisa esta questão afirmando que “[...] o olhar do espectador nunca é neutro, nem vazio de significados. Ao contrário, esse olhar é permanentemente informado e dirigido pelas práticas, valores e normas da cultura na qual ele está imerso” (DUARTE, 2002, p. 67). As ações desenvolvidas nos projetos visaram a aprender junto com as crianças à medida que propúnhamos atividades de pensamento individuais e coletivas entre crianças e pessoas adultas. As crianças não nascem sabendo pensar; isto se vai construindo à medida que lhes são propiciados espaços para que o pensamento se construa em mediação com momentos de diálogo e fruição de filmes e livros, ações realizadas nos projetos.

- *A produção de questionamentos e de pensamento sobre as temáticas de gênero, violência contra crianças e direitos humanos* – O exercício do pensamento foi constantemente acionado nas ações dos projetos. Repito o que já disse, que pensar não é algo inato na vida dos sujeitos, pois pensar é coisa que se aprende. A partir de conceitos deleuzianos, Gallo (2012, p. 72) escreve que o “pensar é experimentar o incômodo do desconhecido, do ainda-não pensado e construir algo que nos possibilite enfrentar o problema que nos fez pensar”. O que se buscou, nas várias experiências dos projetos, foi propiciar momentos de livre pensamento sobre assuntos nem sempre aceitos e debatidos com o público infantil em escolas brasileiras (XAVIER FILHA, 2017). A linguagem cinematográfica e o processo de produção de filmes, como experiências de pensamento e produção de subjetividades, muito contribuíram para tornar os sujeitos seus próprios objetos de pensamento, provocando a discutir assuntos pouco debatidos na escola, como o respeito às diferenças, as diversas violências que vitimam crianças e o conhecimento sobre os direitos humanos, a produção do eu-outro-mundo, os processos de cuidado de si e da/o outra/o, o processo ético e estético da existência de pessoas adultas e de crianças. Discutir as temáticas priorizadas com crianças no Brasil vem se mostrando um enorme desafio nos dias atuais. Vivemos um período de obscurantismo em relação às discussões de gênero e sexualidades nas escolas brasileiras. Ideias errôneas e equivocadas inundam as redes sociais, provocando pânicos morais em familiares das crianças e

na sociedade como um todo. As discussões privilegiadas são realizadas nas ações dos projetos em momentos de resistências. O conceito de “resistência” de Foucault alimentou-me nesse processo. Foucault (1997, p. 91), ao conceituar o poder, escreve que “lá onde há poder há resistência e, no entanto (ou melhor, por isso mesmo) esta nunca se encontra em posição de exterioridade em relação ao poder”. Onde há poder, há resistência, assegura o filósofo. É esta possibilidade de vivência nos jogos de poder que, politicamente, venho agindo na universidade, na docência, na vida pessoal e profissional e, sobretudo, na ação de extensão e pesquisa com as crianças na escola. Penso que várias das ações desenvolvidas com elas tiveram caráter político no sentido de pensar o microcotidiano, os direitos de crianças, as formas de resistência possíveis no nosso comprometimento diário, e também nos momentos ético-político-teóricos trilhados e vivenciados com as crianças. O tema da violência, temática central dos projetos mais recentes, assume um papel de proteção às crianças. No Brasil, o fenômeno contra elas assumiu proporções de saúde pública, tão grave é a violação de seus direitos, e de preocupante alcance, indo da infância à adolescência. Os dados disponíveis são, em sua maioria, subnotificados, tão camuflados que acabam por ser omitidos nas estatísticas. As crianças – meninas e meninos – são, na maioria das vezes, presas fáceis para muitos tipos de violência, como a violência sexual, dentro e fora do meio familiar. Essas temáticas foram discutidas com elas de forma que pudessem interagir na discussão e também pudessem pensar em atitudes de autoproteção. Elas foram instigadas a pensar sobre o que fazer em situação de violência, a pensar em si e nas outras crianças; pensando em si, ao verem filmes e a fazerem filmes.

- *Ludicidade e brincadeira na produção de filmes com as crianças* – Denominei a esta etapa, nas ações dos projetos, de “fazer cinema brincando”. As crianças participaram de todo o processo de pré-produção, produção e planejamento da pós-produção com ideias para a edição dos filmes. A questão que se colocava, dentre tantas, era a de por que produzir com crianças. Sabemos que elas são consumidoras vorazes da linguagem audiovisual, sobretudo de filmes, dentre eles os de animação. Elas, porém, difícil ou muito eventualmente participam do

processo de produção dos filmes. A ludicidade, a capacidade de brincar de pensar e produzir histórias foram elementos preferidos e destacados nos encontros dos projetos. Bergala (2008, p. 98) assegura o papel primordial da escola nos encontros propícios e promissores com a arte do cinema. Ressalta que “os mais belos filmes para mostrar às crianças não são aqueles em que o cineasta tenta protegê-las do mundo [...]”. Para o autor, deve-se propiciar o encontro com filmes que possam ‘tocar’ crianças e adolescentes para torná-los sujeitos que “sentem e pensam a sua própria prática” (2008, p. 176), a própria existência. O autor também enfatiza que esse encontro se dá por intermédio de atos de criação. “A escola, se quiser abordar o cinema como arte, tem que livrar-se uma vez por todas da velha ideia escolástica de que há um bom modo, e um só, de se dizer alguma coisa e de se filmar uma cena, ou um plano, no cinema” (2008, p. 162). Ele pergunta para que e para quem se filma na escola. Ressalta a importância do processo em vez do produto. “Em situação escolar, o objetivo primeiro da realização não é o filme realizado como objeto-filme, como ‘produto’, mas a experiência insubstituível de um ato, mesmo modesto, de criação. No gesto de fazer, há uma virtude de conhecimento que só pode passar por ele” (2008, p. 173). Em nossas experiências com crianças e demais pessoas adultas, propusemos projetos em cooperação e vivência a pensar juntos, de discutir ideias, a partilhar conhecimentos, a produzir coletivamente, de forma lúdica, dialógica, colaborativa e com muita brincadeira, mesmo que se tratasse de assuntos muito sérios. O que quero ressaltar é que o produto filme era almejado, mas o processo de fazer o filme e pensar sobre ele, sobre si, sobre as outras pessoas e o mundo foi a experiência mais transformadora e importante que vivemos. Promovemos para as crianças os encontros com o cinema nos momentos de ver as obras cinematográficas, delas fruir e também no ato de fazer filmes.

- *O exercício de pensar sobre si, sobre a/o outra/o e sobre o mundo pela janela do cinema* – Bergala (2008) assegura que a “escola representa hoje, para a maioria das crianças, o único lugar onde esse encontro com a arte pode se dar” (p. 32). Vai além, ao afirmar que “se o encontro com o cinema como arte não ocorrer na escola, há muitas crianças para as quais ele corre o risco de não ocorrer em lugar

nenhum” (p. 33). O autor é enfático ao assegurar o papel primordial da escola nesses encontros, proveitosos e promissores com relação à arte do cinema. Nas ações dos projetos, além do exercício do pensamento, tínhamos como propósito pensar sobre e com os filmes, promovendo momentos de fruição. Como assegura Bergala, talvez as crianças, sem essas oportunidades oferecidas pela escola nos projetos, não teriam outros momentos para essas experiências de encontro com o cinema. Juntamente com estes, os projetos têm propiciado às crianças o encontro consigo mesmas. O trabalho ético e estético pode ser trilhado nas relações estabelecidas entre os sujeitos, adultos e crianças, na medida em que o pensamento se volta para a vida de cada um. A elaboração do trabalho ético, como diz Foucault (2014, p. 34), que se efetua sobre si mesmo, ocorre “não somente para tornar seu próprio comportamento conforme a uma regra dada, mas também para tentar transformar a si mesmo”. A partir de muitas das atividades propostas pelos projetos, as crianças puderam, brincando, fazer a experiência, segundo Foucault (2014, p. 48), de “tomar a si próprio como objeto de conhecimento e campo de ação para transformar-se”. O trabalho ético, para o filósofo, ocorre ao estabelecer relações para consigo, ao “estabelecer relações de si para consigo” (2014, p. 49) e também para se ocupar consigo mesmo. Este trabalho não é solitário e egoísta. O cuidado de si, continua o filósofo, não é um exercício de solidão: “Não constitui um exercício de solidão, mas uma verdadeira prática social” (FOUCAULT, 1985, p. 57). O cuidado de si está em relação direta com o pensamento e a ação sobre si e sobre a/o outra/o. A partir de muitas das atividades propostas, as crianças puderam, brincando, executar a experiência por ele proposta, de “tomar a si próprio como objeto de conhecimento e campo de ação para transformar-se” (FOUCAULT, 2014, p. 48). O trabalho ético, para o filósofo, ocorre ao “estabelecer relações de si para consigo” (2014, p. 49) e também para se ocupar consigo mesmo. Ele propõe este exercício não como um trabalho solitário, ou egoísta. O cuidado de si, afirma, “não constitui um exercício de solidão, mas uma verdadeira prática social” (FOUCAULT, 1985, p. 57). O cuidado de si está em relação direta com o pensamento e a ação sobre si e a/o outra/o. É também uma forma de atenção, de olhar do exterior para o interior:

“[...] é preciso converter o olhar, do exterior, dos outros, do mundo, etc., para ‘si mesmo’. O cuidado de si implica uma certa maneira de estar atento ao que se pensa e ao que se passa no pensamento” (FOUCAULT, 2004, p. 14), momentos estes produzidos e vividos nos projetos.

- *O cinema que nos faz pensar* – Concordo com Ismail Xavier quando afirma que “um cinema que ‘educa’ é aquele que (nos) faz pensar – e que (nos) faz pensar não somente sobre o cinema em si mesmo, mas, igualmente, sobre “as mais variadas experiências e questões que ele coloca em foco”” (XAVIER, 2008, p. 14). O cinema que nos faz pensar, questionar nossas vivências e experiências, pensar diferente a partir das ‘janelas’ que estabelecemos com a linguagem cinematográfica, torna-se instrumento para a constituição ético-estética de nós mesmas/os. As crianças, na maioria das vezes, são alijadas desse processo, tornando-se consumidoras vorazes de filmes, sobretudo os de animação, sem um diálogo ou sem sua participação no processo de pré-produção, produção e pós-produção dos filmes. O cinema, então, é um instrumento potente para nos fazer pensar, questionar o que somos e o que queremos que sejamos. O ato de fazer cinema igualmente nos coloca como sujeitos ativos nesse processo, fazendo o pensamento virar ação na medida em que produzimos ideias, roteiros e transformamos o abstrato, as ideias em realidade a partir de imagens em movimento e sons.
- *Integração entre o saber acadêmico e o saber da cultura da infância* – Os desafios vividos e os pressupostos teórico-metodológicos dos projetos de extensão e de pesquisa partiram da premissa de que as crianças são seres sociais e produtores de cultura (CRUZ, 2008; SILVA; BARBOSA; KRAMER, 2008; KARLSSON, 2008; SARMENTO, 2005), pois são sujeitos pensantes e produtores de saberes sobre os temas estudados, que foram, dentre outros: situações de violência contra a infância; direitos humanos e estratégias de se autocuidar e autoproteger. Interessou-nos estar com as crianças, ouvi-las, problematizar com elas assuntos considerados importantes, e sobre eles refletir, momentos nem sempre oportunizados nas escolas brasileiras. Um dos propósitos dos projetos era a construção coletiva de conhecimentos entre pessoas adultas e crianças, bem como a promoção de metodologias criativas e inovadoras nos campos da

educação, dos direitos humanos e da produção de filmes de animação. Insistimos no propósito da construção coletiva de filmes com crianças de escolas públicas do município de Campo Grande/MS; por este motivo, essas ações merecem destaque pela autenticidade, criatividade, inovação e engajamento político da universidade com a escola pública. Isto permitiu que se realizassem ações que promoveram o diálogo, a construção de conhecimentos entre crianças e pessoas adultas, tendo como produto pretendido a socialização das informações, a provocação da reflexão, o diálogo sobre questões que envolvem o cotidiano de muitas crianças com temas como a violência contra as crianças e os direitos humanos. O produto final dos projetos, o filme, visa a atingir um grande grupo de crianças que poderão assisti-lo, discutir a produção feita por seus iguais, discutir questões que lhes digam respeito, questionar os ditames adultocêntricos que imperam na produção cultural para crianças.

- *Fazer cinema com crianças, resistências e (des)propósitos* – Já discuti anteriormente sobre as resistências diárias que foram realizadas nos projetos ao priorizar estar nas escolas com as crianças, de produzir com elas e de propor pensamentos e discussões sobre temáticas nem sempre aceitas para esse público. A respeito da afirmação de Foucault de que onde há poder, há resistência, no decorrer dos anos resistimos muito. Foram diversas as formas de resistências cotidianas; variavam a depender de cada realidade escolar e no decorrer dos anos, como: tentar dialogar com as pessoas adultas a respeito da importância e da necessidade dessas temáticas com as crianças; a de que elas não estariam perdendo “conteúdos” ou tempo ao participar dos encontros dos projetos. Encontrei dificuldade em dialogar com as pessoas responsáveis pelas crianças sobre a falta de entendimento a respeito do que significa gênero, sobretudo nos últimos anos. Outros desafios, e resistências, ocorriam diariamente na própria organização e efetivação dos projetos no âmbito da universidade, em que nem sempre as ações de pesquisa e extensão têm apoio financeiro e administrativo. O acúmulo do trabalho docente e o constante sucateamento da instituição universitária constituíram campos de resistências diárias e de constante posicionamento

político-acadêmico face às demandas sociais e a nossas provocações, conhecimentos e discussões pelos projetos desenvolvidos.

Diante de tantos desafios e resistências, as experiências vividas, e jamais repetidas, nos indicam alguns caminhos para continuar com essas ações. O que nos orienta para o futuro é o imenso desejo de estar com as crianças, de aprender com elas e de produzir, de fazer cinema brincando e pensar sobre assuntos que dizem respeito a elas e a nós mesmas. Transformar ideias em áudio e imagem em movimento é um enorme aprendizado diário para nós, equipe e grupo de crianças. Muitas experiências foram vividas e outras tantas serão construídas. O que se pretendeu aqui foi (re)pensar o relato do vivido, aprender e trilhar novos caminhos com a aprendizagem construída no processo.

O que vale destacar na trajetória vivida com as crianças é a capacidade que o *fazer cinema* tem de nos tornar outras pessoas. Não somos as mesmas ao terminar um projeto de produção de filmes. Somos transformadas/os na medida em que nos colocamos como objetos de conhecimento e de pensamento. O fazer cinema nos possibilitou esse contato com a diferença, com assuntos nem sempre belos, com o desafio de trabalhar conjuntamente, com a possibilidade constante de conhecer e aprender com as crianças.

Considerações finais

As ações dos projetos de pesquisa e extensão sobre produção de filmes de animação propiciaram às crianças pensar sobre si, sobre a/o outra/o e sobre o mundo. Esse mesmo processo ocorreu entre nós, pessoas adultas. O brincar de pensar, fazer cinema brincando e pensar em si, no outro e no mundo, a partir das ideias, da linguagem cinematográfica e do fazer cinema, propiciaram novas formas de ser, estar, sentir e se constituir como sujeitos mais dialógicos, igualitários e colaborativos. Venho pensando há anos com o saudoso Manoel de Barros nos (des)propósitos da vida, e com ele penso nas resistências cotidianas. Para o poeta, precisamos dos despropósitos para ‘transver’ o mundo e sair dos lugares que nos foram impostos. Assim, resistir, propor novos (des)propósitos, questionar, duvidar, às vezes recuar, recomeçar novamente, pensar em novas estratégias. Constituir-se nas ‘dores e delícias’ de ser. Esses desafios impostos acendem o desejo constante de produzir com as crianças, de ouvi-las, de estar com elas,

de produzir com elas, de viver a magia de nos transformar em outras pessoas e inventar outros mundos ‘vivíveis’ e democráticos para todas as pessoas nas experiências únicas e singulares que vivemos e viveremos de ver e fazer cinema.

Referências

BARROS, Manoel. **Poesia Completa**. São Paulo: Leya, 2010.

BERGALA, Alain. **A hipótese-cinema**. Rio de Janeiro: Booklink; CINEAD-LISE-FE/UFRJ, 2008.

BERNARDET, Jean-Claude. **O que é cinema**. 21ª. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.

CRUZ, Sílvia Helena Vieira (Org.). **A criança fala**. São Paulo: Cortez, 2008.

DUARTE, Rosália. **Cinema e educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 3**. O cuidado de si. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

_____. **História da sexualidade 1**: a vontade de saber. Vol. I. 12 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1997.

_____. **A hermenêutica do sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. **História da sexualidade 2**. O uso dos prazeres. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

FRESQUET, Adriana Mabel. Entrevista com Adriana Fresquet. In: **Revista Poiésis**, n. 19, julho de 2012 (Entrevista para Maíra Norton).

GALLO, Sílvio. **Metodologia de ensino de filosofia**. Uma didática para o ensino médio. Campinas, SP: Papyrus, 2012.

KARLSSON, Liisa. Tecendo histórias com crianças: uma chave para ouvir e compartilhar. In: CRUZ, Sílvia Helena Vieira (Org.). **A criança fala**. São Paulo: Cortez, 2008.

LARROSA, Jorge. **Tremores**. Escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2014. (Coleção Educação: Experiência e Sentido).

SARMENTO, Manuel Jacinto. Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância. In: **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 26, n. 91, maio/ago, 2005.

SILVA, Juliana Pereira da; BARBOSA, Sílvia Neli Falcão Barbosa; KRAMER, Sônia. Questões teórico-metodológicas da pesquisa com crianças. In: CRUZ, Sílvia Helena Vieira (Org.). **A criança fala**: a escuta de crianças em pesquisas. São Paulo: Cortez, 2008.

XAVIER, Ismail. Um cinema que “educa” é um cinema que (nos) faz pensar. In: **Revista Educação e Realidade**. Vol. 33, número 1, Jan./jun. 2008. p. 13-20.

XAVIER, Tina. **Do meu corpo eu cuido e protejo**. Ilustrações Lorena Martins. Campo Grande, MS: Ed: UFMS, 2014a.

_____. **Meninas e meninos têm direitos**. Ilustrações crianças e adolescentes do projeto de pesquisa. Campo Grande, MS: Editora da UFMS, 2014b.

_____. **Princesa Pantaneira em: brincando no mundo mágico do cinema**. Ilustrações Lorena Martins. Campo Grande, MS: Editora da UFMS, 2014c.

_____. **Viver sem violência é um direito**. Ilustrações crianças e adolescentes do projeto de pesquisa. Campo Grande, MS: Ed: UFMS, 2014d.

XAVIER FILHA, Constantina (Org.). **Kit de Materiais Educativos de Educação para a Sexualidade, para a Equidade de Gênero e para a Diversidade Sexual**. Campo Grande, MS: Editora da UFMS, 2009.

_____. **As aventuras da Princesa Pantaneira**. Ilustradora Lorena Martins. Campo Grande, MS: Editora Life, 2012.

_____. Brincar de fazer cinema com crianças: pensar em si e no mundo. In: **Anais Fazendo o Gênero**: Florianópolis, 2017.

_____. "*Eu nunca fiquei tão cansada com uma coisa tão divertida e que me deu prazer de fazer e participar*": a produção de filme de animação em pesquisa com crianças. In: **II Simpósio Luso-Brasileiro em Estudos da Criança**. Pesquisa com crianças: desafios ético e metodológicos. Porto Alegre: UFRGS, 2014.

_____. Ver e 'Desver' o mundo em pesquisas com crianças. In: *Textura*, Canoas: ULBRA, v. 16, n. 32 (2014), p. 44-63, set./dez, 2014.

_____. Produção de filme de animação com e para crianças: os pensamentos podem virar arte. In: **Perspectiva**, Florianópolis, v. 33, n. 3, p. 1091-1112, set./dez. 2015.

_____. Brincar de fazer cinema: gênero, sexualidades e violência na produção de filmes de animação com crianças. In: **Revista Educação e Políticas em Debate**, v. 4, n.2, ago./dez., 2015, p. 329-343.

_____. Violências e direitos humanos em pesquisa com crianças. In: **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 41, n. especial, p. 1569-1583, dez., 2015. ISSN 1517-9702

_____. Gênero e resistências em filmes de animação. In: **Pro-Posições**, v. 27, n. 1 (79), p. 19-36, jan./abr. 2016.

_____. Brincar de fazer cinema com crianças: pensar em si e no mundo. In: **Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress** (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2017.

_____ Brincar de fazer cinema com crianças: (des)propósitos, desafios e resistências em projeto de extensão. In: RIBEIRO, Paula Regina Costa; MAGALHÃES, Joanalira Corpes; SEFFNER, Fernando; VILAÇA, Vilaça (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade: resistência e ocupa(ações) nos espaços de educação**. Rio Grande: Ed. da FURG, 2018.

_____ Brincar de fazer cinema com crianças: violências e direitos humanos em projeto de extensão. In: 11º. **Congreso Internacional de Educación Superior**. La Universidad y la agenda 2030 para el desarrollo sostenible em el centenario de la reforma de Córdoba. Havana, Cuba, 2018.

Sobre a autora

Constantina Xavier Filha

Professora da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, atua na Faculdade de Educação e no Programa de Pós-Graduação CPAN/UFMS. Email: tinaxav@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7431-5123>

Notas

ⁱ Depoimento retirado do instrumento de pesquisa *O que de mais legal vivi/aprendi no projeto*.

ⁱⁱ Em alguns dos anos de realização dos projetos de extensão, recebemos apoio da Pró-Reitoria de Extensão, hoje denominada de PROECE/UFMS.

ⁱⁱⁱ No presente texto, faço uma reescrita e (re)leitura de artigos que escrevi durante a trajetória dos projetos, ressaltando as etapas vividas e a problematização do que aconteceu no processo. Os artigos escritos são os seguintes: XAVIER FILHA, Constantina. *"Eu nunca fiquei tão cansada com uma coisa tão divertida e que me deu prazer de fazer e participar"*: a produção de filmes de animação em pesquisa com crianças. In: **II Simpósio Luso-Brasileiro em Estudos da Criança**. Pesquisa com crianças: desafios éticos e metodológicos. Porto Alegre: UFRGS, 2014; XAVIER FILHA, Constantina. Ver e 'Desver' o mundo em pesquisas com crianças. In: **Textura**, Canoas: ULBRA, v. 16, n. 32 (2014), p. 44-63, set./dez. 2014; _____. Produção de filmes de animação com e para crianças: os pensamentos podem virar arte. In: **Perspectiva**, Florianópolis, v. 33, n. 3, p. 1091-1112, set./dez. 2015; _____. Brincar de fazer cinema: gênero, sexualidades e violência na produção de filmes de animação com crianças. In: **Revista Educação e Políticas em Debate**, v. 4, n.2, ago./dez., 2015, p. 329-343; _____. Gênero e resistências em filmes de animação. In: *Pro-Posições*, v. 27, n. 1 (79), p. 19-36, jan./abr. 2016; _____. Brincar de fazer cinema com crianças: pensar em si e no mundo. In: **Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress** (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2017, p. 1-12; _____. Brincar de fazer cinema com crianças: (des)propósitos, desafios e resistências em projeto de extensão. In: RIBEIRO, Paula Regina Costa; MAGALHÃES, Joanalira Corpes; SEFFNER, Fernando; VILAÇA, Vilaça (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade: resistência e ocupa(ações) nos espaços de educação**. Rio Grande: Ed. da

FURG, 2018. p. 89-104; _____. Brincar de fazer cinema com crianças: violências e direitos humanos em projeto de extensão. In: **11º. Congresso Internacional de Educación Superior**. La Universidad y la agenda 2030 para el desarrollo sostenible en el centenario de la reforma de Córdoba. Havana, Cuba, 2018. p. 644-653.

^{iv} BERGALA, Alain. **A hipótese-cinema**. Rio de Janeiro: Booklink; CINEAD-LISE-FE/UFRJ, 2008.

^v O projeto foi criado pela coordenação do Anima Mundi para oferecer cursos às escolas, com vistas a socializar e ensinar a linguagem de animação, proporcionando a experiência de produzir filmes animados de forma crítica e criativa. Mais informações, ver no site: www.animaescola.com.br

^{vi} Utilizo a linguagem inclusiva de gênero para construir um texto que inclua ambos os gêneros – feminino e masculino – na escrita. Admito, porém, que esse tipo de linguagem não inclua todas as pessoas, por se tratar de uma forma binária de denominar somente dois gêneros; mesmo assim, opto por este tipo de escrita por incluir, evidenciar e legitimar a presença feminina. As mulheres foram, durante séculos, subsumidas nas ciências, nas artes, em inúmeros espaços públicos e sobretudo silenciadas na opção pela escrita do masculino-padrão. Por esses motivos, a opção pela escrita privilegia as mulheres trazendo-as como interlocutoras e protagonistas na escrita e na sua própria história.

^{vii} Projetos de Extensão: “Educação para a sexualidade, gênero e direitos humanos de crianças: produção de materiais didáticos para/com a infância” (2010) e “Produção de filme de animação com crianças” (2011).

^{viii} Filme feito em parceria com a *Animare*.

^{ix} Paralelamente às ações dos projetos, desenvolvemos, no mesmo ano, a produção do filme “*Ser criança em Campo Grande*” (6 min). Ele resultou de um curso sobre Documentário e teve por objetivo trazer a cultura da infância às vivências das crianças em Campo Grande. A técnica utilizada foi a de recorte em *stop motion*.

^x No decorrer do projeto, produzimos o livro infantil denominado “**As aventuras da Princesa Pantaneira**”. Campo Grande: Editora Life, 2012.

^{xi} O projeto de extensão contou com algum apoio financeiro e com o pagamento de bolsa para três acadêmicas do curso de Pedagogia da instituição, pelo Edital Paext/Preae/UFMS-2012. Nos outros anos também submetemos os projetos a editais interno na UFMS, e tivemos algum apoio financeiro, sobretudo com o pagamento de algumas bolsas para acadêmicas/os do curso de Pedagogia.

^{xii} Em parte do texto uso a escrita na primeira pessoa do plural por incluir o trabalho de outras pessoas que participaram dos projetos, além das crianças – como acadêmicas/os bolsistas, voluntárias/os, professoras regentes das salas, pelo apoio das direções das escolas, dentre tantas outras pessoas que colaboraram, sobretudo as crianças que participaram ativamente de todo o processo. Agradeço imensamente a todas as pessoas que participaram desse árduo e maravilhoso trabalho.

^{xiii} Sete filmes foram produzidos no âmbito dos projetos da UFMS, somado ao filme “*Ser criança em Campo Grande*” (2011, 6 min), realizado paralelamente aos dos projetos,

totalizando então oito filmes, de 2010 a 2017. O filme *Ser criança em Campo Grande* foi produzido na escola dos demais projetos da UFMS, com as crianças; ele, porém, é consequência de um curso de Documentário, realizado pelo Pontão de Cultura Guaicurus, Campo Grande/MS. O filme conta a história das crianças vivendo em Campo Grande, com o desejo de tornar a cidade mais acolhedora às pessoas que vivem nela.

^{xiv} Sete filmes foram produzidos nos projetos: *Jéssica e Júnior no mundo das cores* (2010, 3 min); *A Princesa Pantaneira* (2011, 9 min); *Queityléia em perigos reais* (2012, 9 min); *Direitos das crianças: uma aventura intergaláctica* (2013, 9 min); *João e Maria: dos contos à realidade* (2013, 9 min); *Cantando os direitos das crianças* (2016, 10 min); *Eu protejo meu corpo* (2017, 8min 40 segundos). Os filmes estão nas redes sociais: YouTube/Facebook e Instagram – Brincar de fazer cinema; e blog – <http://brincardefazercinema.wixsite.com/brincardefazercinema>

^{xv} XAVIER, Tina. **As aventuras da Princesa Pantaneira**. Ilustradora Lorena Martins. Campo Grande, MS: Editora Life, 2012; _____. **Do meu corpo eu cuido e protejo**. Ilustrações Lorena Martins. Campo Grande, MS: Ed: UFMS, 2014; _____. **Meninas e meninos têm direitos**. Ilustrações crianças e adolescentes do projeto de pesquisa. Campo Grande, MS: Editora da UFMS, 2014; _____. **Princesa Pantaneira em: brincando no mundo mágico do cinema**. Ilustrações Lorena Martins. Campo Grande, MS: Editora da UFMS, 2014; _____. **Viver sem violência é um direito**. Ilustrações crianças e adolescentes do projeto de pesquisa. Campo Grande, MS: Ed: UFMS, 2014.

^{xvi} Depoimento da aluna do 6º. A, 12 anos, participante dos projetos no ano de 2013. O depoimento foi retirado do instrumento de pesquisa *O que de mais legal vivi/aprendi no projeto*.

^{xvii} No ano de 2018, continuamos o projeto com a produção de três filmes de animação em duas diferentes escolas municipais de Campo Grande.

Recebido em: 10/10/2018

Aceito para publicação em: 03/11/2018